
O Problema da Subjectividade na Indexação*

MARIA MARGARIDA MELO DE CARVALHO

RELECTIR sobre o problema da subjectividade na indexação, numa perspectiva epistemológica e, defender a noção de cientificidade inerente a ela mesma, não de um ponto de vista dos pressupostos da ciência exacta do século XIX mas segundo o actual conceito de ciência, foi o objectivo que esteve na base da elaboração deste trabalho.

Como disciplina jovem, a indexação cedo se preocupou em definir os seus objectivos, em reflectir sobre a criação dos seus conceitos, do seu vocabulário, dos seus domínios específicos, métodos, sobre a precisão das suas fronteiras, delimitando o seu campo de acção e, ainda, sobre o problema da intersubjectividade, questão inseparável desta temática. Contudo, e talvez devido à sua própria juventude, a indexação foi apontada e criticada de prática meramente subjectiva, identificada no plano de prática especulativa, conferindo-lhe, desse modo, um carácter pouco credível no mundo científico. Mas, sempre atenta e consciente do seu valor, esta jovem disciplina científica tem-se revelado extremamente prometedora, contribuindo fortemente para a fundamentação da abertura de horizontes neste concreto domínio.

De horizontes vastos, e considerando a evolução das ciências em termos gerais, a indexação posiciona-se, actualmente, num lugar privilegiado, onde mais do que certezas dogmáticas aponta vias científicas alternativas,

* Trabalho apresentado originalmente na cadeira de Indexação por Assuntos II, CECD, Faculdade de Letras do Porto, ano lectivo 1992-1993.

onde o conceito de probabilidade repousa no berço da sua cientificidade e, onde a noção de objecto não penetra mais o domínio do dado mas do construído.

Será nossa preocupação realçar e reforçar a ideia de que a indexação apesar do terreno bastante acidentado que possui como estrutura de apoio à sua essência, se integra e ajusta aos perfis da actual ciência do século xx em transição para o século xxi, tendo como premissas fundamentais para a sua funcionalidade epistemológica, a resolução das suas funções de objectividade, positividade, racionalidade e revisibilidade. Com a característica de objectividade, fazendo afastar o elemento afectivo e subjectivo; com a positividade através da submissão à contínua fiscalização da experiência traduzível em permanentes auto-avaliações; com a racionalidade realçando e reforçando a importância de uma construção meramente intelectual; com a revisibilidade fundamentando a instauração da teoria da inexistência de posições definitivas no actual domínio científico.

Desse modo, será, pois, neste preciso contexto, que iremos tecer considerações àcerca da defesa da sua cientificidade, mesmo conscientes do levantamento problemático que essas proposições possam levantar.

Nesta linha de orientação, a indexação surge-nos como ciência, que constrói o seu objecto científico propondo, desse modo, um novo código de leitura sobre o real.

1 Breve análise sobre a evolução do conceito ciência¹

La ciencia en si no tiene sentido, si se la desliga de su función en la vida humana².

A atitude do Homem face ao mundo, a sua ânsia em o interpretar e conhecer cedo se manifestou. O universo humano foi, desde os primórdios dos tempos, penetrado por elementos de crença todos eles direccionados no sentido de poder abarcar o horizonte do conhecimento. Poder responder às questões essenciais sobre si mesmo e sobre o universo que o rodeava, permitiu ao Homem orientar-se na sua vivência e na sua ligação dialéctica com o macrocosmos envolvente.

As diversas formas de pensar, sentir e ser que o Homem sofreu no decorrer dos tempos espelham, naturalmente, não só a sua ânsia em querer saber mais — e saber é poder dominar — mas, também, manifestam o seu «descontentamento» face às verdades alcançadas no decurso da sua existência.

Desta tomada de consciência face ao real nasce a aproximação do Homem com o Universo. Surge a Filosofia, e, mais tarde, a Ciência.

As transformações ocorridas, nomeadamente no domínio da ciência, reflectem um contexto sociocultural, político, histórico e económico muito específico que, longe de se manter idêntico e inalterável, é portador de modificações existenciais e mentais. Não há sentido ao falarmos de ciência se a não referenciar e relacionarmos com a própria evolução humana, com os seus valores, crenças e aspirações sobre os quais a civilização ocidental repousou.

Assim, o processo mais adequado para reflectir sobre esta temática, terá como ponto basilar a sua componente histórica, mesmo que ela se apresente de uma forma selectiva e pouco exaustiva, procurando estabelecer pontos de contacto com a própria teoria do conhecimento, tão fundamental para a compreensão deste tema.

Para que se realize todo e qualquer processo de conhecimento é necessário que, naturalmente, se instaurem dois eixos essenciais: um sujeito cognoscente, ou seja, aquele que conhece, e um objecto cognoscível, ou seja, aquilo que é passível de ser conhecido. Em termos de teoria do conhecimento é imprescindível que a tónica não recaia nem sobre um puro subjectivismo nem sobre uma absoluta objectividade. Por outras palavras, não criar espaço para a existência de uma dicotomia nem para a valorização polar de uma extremidade sobre outra mas sim afirmar e defender a correlação, interacção dialéctica entre um sujeito e um objecto. Desse modo, ausente de primazias, é deste jogo dialéctico, e como tal ininterrupto, que irá nascer o próprio acto de conhecer.

Ao longo da história da ciência têm surgido inúmeras formas de pensar sobre o real, as quais manifestam, segundo Bachelard, formas revolucionárias de consciência e que traduzem, não uma conformação da existência de um *corpus* científico evoluindo em linha contínua mas, antes, uma evidente instauração de rupturas, de crises que denotam e espelham uma atitude mais humilde de aceitação dos seus erros no decurso temporal. A ciência, na perspectiva bachelariana, avança através de rupturas, pressupondo, por conseguinte, revoluções. Os próprios conceitos de verdade e de erro vão ser superados, passando este último, ironicamente, a ser o próprio motor do conhecimento, tomando a dianteira neste processo ininterrupto de alcance da verdade. A verdade passará a ser entendida como um conjunto de ideias rectificadas e, todo o quadro do saber científico será encarado como uma permanente e contínua reconstrução primeira.

Este novo perfil do saber científico arrastará consigo uma alteração conceptual — porque se encontra associada à actual forma de pensar, sentir e

ser — de dois eixos cruciais: o sujeito e o objecto. Irá interessar à ciência do nosso século um sujeito piagetiano, um sujeito epistémico, um sujeito activo, dinâmico, orientado por critérios entrecruzados de objectividade e subjectividade. A própria concepção de objecto vai sofrer alterações pois deixa de ser um puro dado passivo para passar a ser um dado construído envolvendo-se activamente na sua relação com o sujeito e no próprio processo de conhecimento. A concepção de sujeito irá alterar-se na medida em que deixará de ser encarado como o mero pólo receptor do objecto ou o detentor de uma verdade ideal que possa prescindir da relação com o objecto.

Assim, a ciência longe de captar o real, pretende apontar possíveis aproximações com a realidade, dependendo o seu conhecimento da direcção tomada. Neste universo epistemológico reina o mundo do provável.

Destarte, e retomando a ideia principal que orienta este capítulo, as diversas concepções de ciência vão-se alterando de acordo com as tomadas de consciência do Homem, cada vez mais desperto para a existência de um mundo circundante onde ele próprio se sente parte integrante. E é aqui que irrompe a necessidade em viajarmos historicamente através das várias acepções do conceito ciência, desde a antiguidade até aos nossos dias, passando pela época moderna. Esta digressão terá como horizonte primeiro o encontro da luz ideal que se espera ao fundo do túnel, elegendo sumariamente seis pensadores como pontos de referência para a compreensão sobre o pensamento humano e a sua relação com o evoluir do conhecimento, a saber: Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Bachelard e Piaget.

En la filosofía de la ciencia tradicional (aristotelico-escolástica) el sistema de las ciencias funcionaba como un todo, con ciencias generales [...] y ciencias particulares [...]. Los escolásticos medievales denominaban subalternatio a la dependencia jerárquica de las ciencias, que segun ellos se establecia de tres modos:

1. *por razón del fin [...];*
2. *por razón de su objeto propio [...];*
3. *por razón de los principios [...].*

Con el advenimiento de la Modernidad y la crisis del pensar clasico-medieval, el sistema filosófico de las ciencias entra en crisis. Las ciencias (ciencias particulares) van emancipándose unas tras otras de (su subsidiariedad en) el sistema filosofico e inician su andadura aislada y prácticamente autonoma. Las llamadas ciencias generales entran en crisis o desaparecen para los científicos. [...] Pero la crisis del positivismo lógico y el surgimiento de la llamada Filosofia Analítica retomaron conciencia de la conexión de las ciencias. [...] y emerge en la Filosofia de la Ciencia contemporánea lo que poderemos denominar la conciencia de la interdisciplinarietà. Esta toma de conciencia de la imposibilidad de que una ciencia cumpla su cometido y se desarrolle al margen del cometido y desarrollo de las demas ha suscitado un nuevo estilo de pensamiento científico³.

Ousámos fazer uma extensa citação talvez por nos ter proporcionado, de modo tão singular e sucinto, uma viagem pelos vários mundos científicos culminando no porto da interdisciplinaridade que, no fundo, não traduz mais do que uma nova postura humana, uma nova mentalidade face ao mundo em que vivemos.

Sendo a ciência uma forma de conhecimento que pretende expressar a *verdade do ser* não se poderá problematizar a ciência sem que se coloquem questões como *o que é conhecer?*, *o que é o ser?* e *o que é a verdade?* A pertinência destas questões foi já sentida na Antiguidade Clássica pelos pensadores pré-socráticos que, de forma mais ou menos clara as conduziram para o seu cerne levantando uma problemática ontognosiológica de cariz dicotómica. De facto, se o conhecimento exige a verdade e se esta se pretendia universal, una e permanente como conquistá-la através de uma relação empírica com um mundo concreto que nos aparece sob a forma de entidades particulares, múltiplas e mutáveis?

Esta problemática que durante séculos terá sido talvez o nó górdio de reflexão filosófica sobre o conhecimento e consequentemente sobre a ciência conduziu a uma dicotomia aparentemente insolúvel entre uma realidade empírica, concreta, mutável e particular que permitiria o acesso a um tipo de conhecimento com características semelhantes e como tal longínquo da verdade e uma realidade inteligível, una, universal e imutável cuja posse significaria a posse da própria verdade.

Espelho desta problemática é a filosofia platónica que, imbuída de um conhecimento mágico-poético, professava a imperiosa necessidade de esclarecer a total impossibilidade da existência de um conhecimento seguro e objectivo sobre objectos mutáveis. O conhecimento só era possível no reino da imutabilidade. Dessa forma o processo ontognosiológico repousava sobre dois conceitos fundamentais:

- a doxa (opinião), aquilo que permanentemente está exposto à mudança, se altera, se modifica;
- a episteme (a ciência) onde repousa a possibilidade de um conhecimento verdadeiro e de um mundo imutável.

Estes dois conceitos/pólos antagónicos conduzem à afirmação do ser/verdade enquanto ideia que *é* cujo alcance só se torna possível através de um gradativo afastamento da aparência do ser que *é* e não *é* (realidade empírica).

Assim, à questão *Como conhecer algo que permanentemente se altera e se transforma?*, Platão (428? a. C. - 348 a. C.) aponta como solução o mundo

inalterável das Ideias. A permanência da verdade exigia, para este pensador, um objecto estático e permanente.

Mas, então, como é que podemos saber o que é a ciência? Justamente da mesma maneira por que sabemos o que é o ser. [...] A ciência não é mais do que a posse da verdade. E esta não é mais do que a revelação do Ser. [...] Este ser, esta realidade não é uma amálgama desordenada de objectos sensíveis a que o vulgo (e o sofista) dão esse nome. O ser vulgar, móvel, instável e passageiro não é — ou é dificilmente — ser. É e não é, simultaneamente, e é por isso, justamente, que não é, e não pode ser, objecto da ciência, mas, no máximo, da opinião. Não, o ser que temos em vista é o ser estável e imutável da essência [...].⁴

Se a hipostesiação de uma verdade absoluta, imutável, eterna e radicalmente transcendente ao empírico em tudo se afasta da concepção actual de ciência segundo a qual não existem verdades absolutas e eternas, onde o provável é aquilo que sofre alterações e permite-nos rectificar constantemente os graus anteriormente atingidos, não poderemos deixar de reconhecer a actualidade de alguns aspectos da filosofia platónica nomeadamente:

- a afirmação da problematicidade inerente ao acto de conhecer que se realiza processualmente (dialecticamente);
- a consciência do sensível como obstáculo à aquisição do verdadeiro conhecimento (Bachelard e a noção de obstáculo epistemológico/senso comum);
- a importância atribuída às matemáticas e à geometria como degrau imprescindível para o acesso à verdade (ciência actual, matematização do real físico, século XVI).

Contudo, a Platão não devemos apenas estas intuições geniais que se confirmarão séculos mais tarde, mas também o aparecimento de novas reflexões sobre a problemática gnosiológica nomeadamente a assumida por Aristóteles que irá alicerçar toda a sua filosofia, exactamente nas críticas a seu mestre Platão. De facto, se a dicotomia ontognosiológica sensível/inteligível proposta por Platão garante a possibilidade de uma verdade absoluta isso levanta um outro problema que é o da relação entre esses dois pólos e invalida a possibilidade de uma ciência sobre o sensível.

Aristóteles (384 a. C. - 322 a. C.), o grande instaurador do plano de classificação lógico-dedutiva para as ciências, cedo se afastou de seu mestre, precisamente por achar absurda e sem sentido a teoria dicotómica do mundo e do conhecimento. Para este pensador grego não teria cabimento conferir existência real somente a um dos mundos; propôs, desse modo, a teoria da existência de um único mundo, onde o próprio homem se mani-

festava e tinha acesso à verdade através de um processo de indução. Assim, a visão universalista do conhecimento com os seus conceitos de unicidade e imutabilidade, atinge o seu pleno sentido no mundo terreno, repleto de contingências e exposto à mudança. É neste mundo que o Homem *é* e pode conhecer.

O mundo real não era um mundo de universais mas sim de objectos concretos que nós podemos conhecer. Embora esses objectos tenham começo e fim no tempo e sejam susceptíveis de mudança, encerram uma realidade constante. [...] O principal objecto da ciência é definir estas essências e demonstrar verdades universais acerca deles⁵.

Aristóteles desenvolveu a lógica num sistema elaborado onde a metodologia se apresentava como pilar central, e onde o raciocínio demonstrativo e ordenado conseguia alcançar uma importância especial. A ciência sendo universal era, também, realista qualitativa e eidética, pois visava atingir as essências.

Posteriormente adoptada e adaptada pela escolástica medieval esta forma de pensamento sobreviveu durante vários séculos. Porém, como uma forma de pensar e agir sobre o mundo revelou-se, mais tarde, como um sistema fechado e redutor. O evento que de forma mais vincada permitiu essa revelação foi, exactamente, o aparecimento de um novo tipo de saber a que comumente se chama ciência moderna.

O aparecimento deste novo tipo de saber que une harmoniosamente a matemática e a experiência irá provocar uma ruptura não apenas com o edifício intelectual instaurado durante séculos mas com os alicerces desse mesmo edifício exigindo uma nova reflexão sobre os fundamentos do conhecimento, colocando-se em primeiro plano a problemática ontognosiológica. Expressão dessa preocupação é a filosofia cartesiana.

Testemunho do desmoronar de todo um sistema e devedor de uma mentalidade aristotélico-escolástica, Descartes (1569-1650), filósofo da época moderna, irá procurar a reedificação do saber. Influenciado pelo aparecimento da ciência moderna irá procurar novos fundamentos que garantissem a unidade e universalidade do conhecimento e, simultaneamente, permitissem o estabelecimento de um critério de verdade. Essa unidade e universalidade são encontradas ao nível do que Descartes considera ser a fonte do conhecimento verdadeiro — a razão — que se assume não apenas como alicerce do conhecimento mas também como primeiríssima evidência ontológica.

Com Descartes inaugura-se assim com toda a pujança a concepção racionalista de ciência. A aspiração de uma verdade rigorosa e objectiva, visava o estabelecimento basilar da apropriação e controlo humano sobre o

real. A função da dúvida metódica integrada no sistema filosófico cartesiano procurava, no fundo, fundamentar e construir um edifício solidamente estável, onde o erro e a falsidade não tivessem qualquer lugar.

Contudo, este racionalismo exige ainda uma raiz metafísica na medida em que sendo o *cogito* limitado e imperfeito não é por si só garantia de uma verdade absoluta que exprima as coisas em si. De facto, com o racionalismo cartesiano não se esgota a problemática gnosiológica que, pelo contrário, irá assistir a uma das mais frutuosas polémicas entre empirismo e racionalismo que culmina e é superada pela filosofia kantiana.

Ao afirmar que todo o conhecimento começa com o contacto com o real, Kant irá limitar o acto de conhecer os fenómenos, ou seja, ao que é susceptível de ser experienciado, excluindo, portanto, qualquer possibilidade de conhecer as coisas em si. Esta limitação do conhecimento não conduzirá a qualquer cepticismo ou impossibilidade científica, constituindo, pelo contrário, a fronteira determinante para a construção de uma ciência objectiva, universal e necessária. De facto, se todo o conhecimento se inicia com a experiência isso não significa que toda ela derive da experiência sendo determinantes as estruturas puras *a priori* do sujeito que condicionarão a própria experiência.

Conhecer deixa, pois, de ser expressão de passividade de um sujeito que se limita a receber as características de um objecto que lhe é dado afirmando-se, pelo contrário, como uma construção que tendo origem empírica é determinada pela razão.

A «revolução copernicana» de Kant vai, portanto, evidenciar que todo o real cognoscível é sempre o real para um sujeito cognoscente proporcionando pois uma nova concepção de sujeito e objecto que se afirmam fundamentalmente como relação. Esta novidade trazida pelo apriorismo kantiano irá determinar profundamente a reflexão filosófica sendo ainda patente a sua influência nas correntes epistemológicas contemporâneas.

Gaston Bachelard, filósofo contemporâneo (1884-1962) vem, precisamente pôr em evidência o conhecimento geral e empírico como obstáculo ao próprio conhecimento científico. Para Bachelard, o conhecimento científico é a rectificação de um conhecimento primário que se reconhece mais tarde não ser mais do que um erro primário. Nesta concepção o problema da verdade só se compreende introduzindo a noção de rectificação do saber, tendo presente a ideia de reconstrução primeira, como se de uma actividade catártica se tratasse. Desse modo, o progresso científico só é válido se atendermos a estas novas noções. Para tal, é de extrema importância destringer, neste modelo de pensamento, um conhecimento sensível e empírico do conhecimento científico.

O pensamento científico moderno empenha-se em precisar, em limitar, em purificar as substâncias e os seus fenómenos [...] o que caracteriza o sábio moderno é a objectividade e não o universalismo: o pensamento deve ser objectivo⁶.

O conhecimento racional torna-se solidário da esfera científica, e, as sucessivas aproximações à verdade — os saltos epistemológicos — devem antes de mais estar libertos de opiniões oriundas do senso comum. Segundo este epistemólogo, a ciência opõe-se à opinião; esta surge como um obstáculo ao conhecimento, sendo necessário eliminá-la para que exista uma maior objectividade científica e associada a ela uma maior e progressiva racionalidade.

Para podermos conhecer qualquer fenómeno teremos de, primeiramente, abandonar as ordens do contingente e da mutabilidade ligadas às nossas sensações. Só assim, «o pensamento surgir-nos-á como um método de análise aprofundada»⁷. Para o racionalismo científico de Bachelard a verdade deverá ter como condição primeira a objectividade.

Na mesma esteira de pensamento surge-nos Jean Piaget (1896-1980), filósofo contemporâneo, que encarou o conhecimento científico como uma actividade dialéctica e processual. Piaget colocou a formulação do problema epistemológico de saber *Como é que as ciências são possíveis?*

A resposta a esta questão exige a indagação acerca da origem e construção da própria ciência que Piaget orientará não num sentido histórico mas sim no âmbito do pólo determinante de todo e qualquer conhecimento — o sujeito. Este sujeito, contudo, só se afirma na sua relação com o objecto e, tal como o próprio conhecimento, não é estático mas resulta de um processo transformador e em transformação. Sendo assim, o próprio conhecimento é um processo construtivo entre um sujeito e um objecto. Sobre estes dois eixos se construirá a visão actual da ciência. Para Piaget, o conhecimento científico revela-se como uma das possíveis formas de apropriação do real.

A demarcação da ciência face à filosofia baseia-se não no seu objecto mas no método de apreensão da realidade, criando uma maior delimitação do seu campo operacional. Esta proposta piagetiana insere-se no domínio do estudo sobre o concreto. Só assim, através de um método e conhecimento rigorosos, coerentes e devidamente fundamentados, poderá a ciência alcançar a verdade. Regida por um critério objectivo importa à ciência um sujeito não puramente psicológico mas um sujeito epistémico. Um sujeito com estas características, inserido num processo dialéctico em constante mutação, longe se posicionará da noção de sujeito dos séculos passados.

⁶ A característica própria do conhecimento científico é a de conseguir uma certa objectividade, no sentido de que, mediante o emprego de certos métodos, quer dedutivos (lógico-mate-

máticos) quer experimentais, há finalmente acordo entre todos os sujeitos sobre um determinado sector de conhecimentos. [...] É, portanto, próprio do conhecimento científico conseguir uma objectividade cada vez mais completa mediante um duplo movimento de adequação ao objecto e de descentração do sujeito individual na direcção do sujeito epistémico⁸.

É exactamente a interdependência entre o sujeito e o objecto que vai ser o cerne do desenvolvimento desta nossa reflexão.

Pudemos verificar, nesta breve e sucinta digressão sobre as diversas concepções de ciência eleitas por nós, que nem sempre o Homem foi portador da mesma reflexão sobre o real. Desse modo, essas alterações em termos de mentalidades concorreram, conjuntamente, para a criação de um novo *espírito científico* mais dinâmico, aberto, versátil e dialéctico, procurando conciliar dois terrenos aparentemente contraditórios: o reino da subjectividade e o universo da objectividade.

Será essa realidade um mito?

La verdad científica es una verdad exacta, pero incompleta y penúltima, que se integra forzosamente en otra especie de verdad última y completa, aunque inexacta, a la cual no habría inconveniente en llamar mito. La verdad científica flota, pues, en mitología, y la ciencia misma, como totalidad, es un mito, el admirable mito europeo⁹.

Poder encarar a verdade científica como um mito, como uma das construções idealizadas pelo Homem face ao universo envolvente, sem a carga tradicionalista veiculada até há bem pouco tempo pela própria ciência, permite-nos suavizar a temática deste trabalho, e, concede-nos a possibilidade de defender um conceito de ciência mais aberto, de *fecundidade creadora*, fertilizando a validação das conclusões que iremos alcançar durante o percurso da nossa proposta.

2

2.1 A indexação como disciplina científica

Any discipline must define its scope¹⁰.

Encarar frontalmente a indexação como uma disciplina científica com os seus objectivos devidamente definidos e com as suas características e formulações basilares idênticas às demais ciências, é-nos consentido, nos nossos dias, precisamente, devido à postura da ciência contemporânea. Mas quando surge esta disciplina?

Los orígenes de la indización — si bien no como técnica documental en su formulación actual — se remontan a la época clásica, concretamente a ciertas ordenaciones de papiros egipcios y registros fiscales de la antigua Grecia. Pero será con la adopción del código como forma de libro en lugar de los rollos de papiros, cuando la idea de indización alfabética se lleve a la práctica [...]»¹¹.

Originalmente a indexação teve o mérito de permitir a arrumação e ordenação de certos tipos de suporte próprios da época, permitindo uma posterior localização dos mesmos. Estes princípios originários estiveram na base da evolução do próprio conceito actual de indexação.

Actualmente, a indexação caracteriza-se como uma operação que consiste em descrever e caracterizar o conteúdo de um documento através de uma linguagem documental. É uma das formas de descrição do conteúdo de um documento e, de facto, é encarada, nos nossos dias, como a operação central de todo o sistema documental. Ela situa-se, mais concretamente, a meio da cadeia documental, estabelecendo a ponte de contacto entre a entrada do documento no sistema e a sua posterior recuperação, através da pesquisa efectuada pelo utilizador. No fundo, a importância que reveste esta disciplina pode ser metaforicamente compreendida pela ideia de *anima* ou, se quisermos, pela ideia de microcosmos, alimentador de um macro-sistema que terá por função vivificar processualmente todo o processo orgânico da cadeia documental.

O pulsar desta disciplina de conteúdo bastante preciso e objectivo, traduz-se pelo expansionismo característico da actividade de filtragem de conceitos por meio de uma *análise intelectual*, convertendo-os num produto final — os índices, as listas de termos preferenciais — com o auxílio de uma linguagem artificial e convencionalmente apelidada de documental.

Abordar uma realidade desta natureza cuja finalidade consiste em permitir e facilitar a pesquisa da informação indo ao encontro das necessidades e solicitações dos utilizadores é poder encará-la também sobre uma outra perspectiva mais tecnicista. Como actividade, ela pode ser encarada e identificada como uma técnica *sui generis*, remetendo-nos, quase idealmente para o domínio da *techne* grega. De facto, esta técnica documental traduz-se numa *habilidade no fazer*, um processo de transformação, uma espécie de *competência profissional artística*, cujo objectivo se encaminha para um determinado fim, o da criação de uma objecto ideal. É a transformação da matéria bruta em um objecto passível de ser avaliado. A indexação é, de facto, no seu sentido mais profundo, uma arte. E como arte processual ela é dirigida a todos os homens.

L'indexation est un art qui réclame beaucoup de qualités, souvent contradictoires, de la part de l'indexeur humain [...]»¹².

Perante esta versatilidade da indexação, poderemos estabelecer, de novo, outra ligação entre o terreno onde ela actua e a abertura de horizontes que nos proporciona. Ousaremos mesmo acrescentar que o seu eixo de acção repousa seguramente entre os domínios da técnica e da ciência, se tomarmos como modelo comparativo a ciência Física que submete a realidade ao rigor matemático, situando-se entre os níveis do abstracto e do concreto. Mágica atitude que faz diluir o conceito na arte da comunicação.

A operação de indexação encontra-se definida pela UNESCO segundo um duplo ponto de vista:

- como processo, ela consiste em descrever e caracterizar um documento com a ajuda da representação dos conceitos nele contidos;
- como finalidade, destina-se a permitir uma busca eficaz das informações contidas num fundo documental¹³.

Esta função de filtragem, de destilação atribui e confere à indexação o lugar central de todo o sistema documental. Ela é o elemento aglutinador que permite vivificar toda a cadeia. Conseguir explicitar de uma forma coerente e não ambígua os conceitos implícitos num documento, e fazer chegar essa mensagem ao utilizador através da sua representação, revela uma característica altamente qualificável e dignificante desta disciplina.

Indexing is generally taken to consist of at least two distinct operations. The first involves either the implicit or explicit representation of a document by an indexing phrase. The second involves the translation of the terms of the indexing phrase into the lexicon of a controlled indexing vocabulary, with due regard for the semantics and syntax of the indexing language¹⁴.

Para que todo este edifício estruturado e estruturante se possa manifestar, é imprescindível a presença triangular do indexador, do documento e do utilizador. É, realmente, esta realidade geometrizar que permitirá a ascensão à arte do sublime, encarado na óptica do perfeccionismo, de cruzadas interligações. Torna-se inequivocamente indispensável, para a funcionalidade deste sistema a intervenção de alguns critérios, nomeadamente, a definição do perfil do utilizador, as características do serviço, os instrumentos disponíveis, a política de indexação a adoptar, o tipo de linguagem, a consciência do tipo e número dos documentos e ainda, com o olhar sobre o futuro, antever a eventual possibilidade de cooperação entre os serviços, fazendo realçar a indispensável e crucial utilização da normalização, assegurando, assim, não só a comunicação como também a transferência da informação, permitindo «*simplificar y racionalizar los métodos y técnicas de trabajo, unificando los productos resultantes*»¹⁵.

De seguida, tomaremos como referência primeira para o desenvolvimento desta reflexão, o modelo tringular atrás esboçado tão decisivo e revelador para a fundamentação das nossas ideias. Como fio condutor ele permitirá o desenvolvimento e a fundamentação desta construção meramente intelectualiva.

2.2 O objecto e o sujeito

El objecto del análisis documental es el documento, elemento acumulador y difusor de información y célula base de la estructura documental¹⁶.

Ao realizarmos uma abordagem sistémica de interacção dinâmica, organizada em torno de um objecto específico, somos levados a reflectir sobre a importância do próprio documento, enquanto célula base do edifício documental.

Vão ser exactamente os documentos primários, apresentados nas suas múltiplas formas, a matéria-prima alimentadora de uma realidade processual. Os documentos podem-se apresentar em duas vertentes distintas mas complementares: os documentos escritos e os documentos não-escritos na medida em que ambos se apresentam como fonte de alimentação desta orgânica estrutural. Ambos irão ser afectados por esta arte processual. Eles diferenciam-se quanto ao tipo de tratamento intelectual, pertencendo por exemplo aos documentos audiovisuais uma intervenção analítica promovida pela imagem e pelo som.

Não procurando menosprezar este tipo de documento — hoje em dia tão em voga e com tendências marcadamente evolutivas — seleccionaremos, porém, como linha de orientação deste nosso percurso analítico, os documentos escritos que, pela sua natureza complexa, apela a uma exigência marcadamente acentuada e por também se apresentarem concretizados em linguagem natural. É este tipo de suporte que permitirá o enraizamento e a edificação de uma teoria sobre a extracção dos conceitos e, consequentemente, possibilitará reflectir sobre a dimensão científica desta temática.

Neste ponto de vista, e tomando o documento escrito como referência, o conceito vai ser esse elemento objectivo que se reflectirá na análise intelectual e que traduzirá essa busca pela natureza ou essência da indexação. O conceito enquanto entidade abstracta é uma construção mental que permite a instauração da união entre o documento e o indexador — objecto e sujeito. Sendo um produto de natureza mental, revela-se, essencialmente, como elemento catalizador e mediador desta operação. É através da galáxia

terminológica e conceptual que o indexador entrará no universo da informação. A sua tarefa residirá na materialização do produto inicial numa linguagem facilmente interpretada por todos. Mas por ser tão abstracto e ser um produto de elaboração intelectual, o conceito é, simultaneamente, de natureza complexa, irradiando a sua complicada natureza aos vários domínios da realidade em causa. O conceito é a chave decifradora do conhecimento real que, por sua vez, se resume à significação da linguagem. Porém, é na confrontação dos «problemas de apreensão global dos conceitos decorrentes das características generalizadas dos textos que se apresentam de exposição longa e difusa, muito frequentemente sem revelarem com precisão os objectivos e as conclusões»¹⁷ que radica o cerne desta problemática.

O tema da linguagem acarreta implicações de ordem filosófica, psicológica e sociológica. Dessa forma ela é, de igual modo, extensível às ciências documentais. Falamos, obviamente, da complexidade inerente à abordagem de textos situados na área das ciências sociais e humanas, que, «para além daqueles que são básicos e que revelam enquadramentos científicos deparamos com um número indeterminável de factos e acontecimentos que se vão conhecendo ou vão surgindo de forma imprevisível»¹⁸, o que não acontecerá com a mesma frequência em relação às ciências exactas. A linguagem é um dom e uma capacidade natural dos seres humanos; através dela o Homem pode comunicar, partilhar pensamentos e informar. Contudo, é-lhe imposta, a nível da indexação, «[...] uma exigência de referência única, de significado preciso, conciso, ordenado ao seu fim, que dê à linguagem utilizada um carácter unívoco. É esta univocidade da linguagem que garante a comunicação indispensável a qualquer actividade humana, quer seja técnica, científica, económica ou outra»¹⁹.

A linguagem, sendo o principal veículo de transferência da informação, está extremamente confrontada e exposta às várias evoluções sentidas nos diversos domínios da realidade. Na linguagem comum, a significação precisa de uma palavra depende sempre do contexto na qual é utilizada; mas, nas linguagens especializadas, científicas, um termo específico é afectado por uma determinada significação, ou seja, por um determinado e unívoco conceito. E este conceito terá o seu fundamento enquanto potencial relacionador de outros termos ou conceitos. Pode-se antever como se torna mais problemática a determinação de uma análise intelectual em textos relativos às ciências humanas e sociais. Por um lado o indexador, que por exigências do foro profissional, constantemente se vê confrontado com as subtilidades, ambiguidades e sentidos metafóricos da linguagem dos documentos com que diariamente contacta; por outro lado, depara-se com a complexa e intrincada tarefa de informar clara e inequivocamente.

A linguagem tem uma estrutura de superfície que se manifesta através das palavras e uma estrutura profunda onde se situam os conceitos, conteúdo da linguagem. São os conceitos que identificam e ordenam as coisas e as ideias, formando-se em cada pessoa uma estrutura conceptual hierarquizada ao nível da qual a mente humana capta ou rejeita qualquer elemento informativo, reagindo à realidade que o rodeia, através da sua sensibilidade natural²⁰.

Toda a teoria sistémica conceptual revela-se demasiadamente importante para a compreensão da essência desta matéria. A conceptologia é um domínio multidisciplinar que engloba não só a lógica e a epistemologia mas também a semiótica. As suas investigações exigirão, portanto, uma demanda pluridisciplinar.

O objecto nunca é conhecido senão através do pensamento de um sujeito, mas o sujeito não se conhece a si mesmo senão adaptando-se ao objecto. Assim, o universo não é conhecido pelo homem senão através da lógica e das matemáticas, produto do seu espírito, mas o homem não pode compreender como construir as matemáticas e a lógica senão estudando-se a si mesmo psicologicamente e biologicamente, quer dizer, em função do universo inteiro²¹.

Este texto, deveras elucidativo, espelha e remete-nos para aquilo que pretendemos comunicar desde o início desta breve análise: a ideia de que tudo está interligado, de que é possível estabelecer conexões entre as várias disciplinas, mesmo aparentemente afastadas, de que o sentido ontológico do objecto só é valorizado quando relacionado com um sujeito e vice-versa: de que a manifestação desta interdisciplinaridade é conducente ao estabelecimento de uma relação circular entre os vários domínios, abrindo-nos horizontes mais vastos para a instauração do conhecimento verdadeiro. Logicamente que, os dois pólos aglutinadores desta caminhada processual rumo à verdade serão: o sujeito, aquele ente racional impregnado de uma tradição cultural específica cuja função radica na árdua tarefa de poder filtrar o essencial do acessório evocando uma dimensão significativa, relativa e funcional a todo o processo e um objecto, que servindo de base à substancial matéria do indexador, lhe permite desenhar e criar horizontes possíveis para a compreensão do próprio documento.

Mas então será que este objecto só é, isto é, só possui realidade ontológica sempre que existe algo que o vivifique? Falamos de documentos escritos, falamos mais concretamente de textos, de palavras, de conceitos... Terá o texto existência por si independentemente de um ser que o descodifique? Podere-mos confiar nessa autonomia? Ele não terá sido criado em função de um leitor? Será o leitor o elemento preponderante para a perpetuação do texto?

Como encarar, então, este sujeito – leitor – analista?

São inúmeros os exemplos, na história da filosofia, de definição desta entidade reveladora e informadora da realidade. A tese prioritária e eleita

neste trabalho não vai nem ao encontro da concepção clássica do conhecimento onde o sujeito que conhece estava radicalmente em posição oposta ao objecto cognoscível, nem tão pouco vai ao encontro da defesa das teses realistas ou idealistas, onde o vector predominante recaía ou sobre o objecto ou sobre a valorização puramente entificada, ou seja, não defenderemos nem um puro subjectivismo, tese protelada pelo idealismo alemão, nem uma absoluta objectividade de pendor meramente real dos filósofos realistas. Por subjectivismo entenderemos uma atitude filosófica que faz depender o valor do conhecimento das condições subjectivistas; por objectivismo entenderemos a corrente filosófica que faz depender o conhecimento da importância do objecto.

A realidade documental que se caracteriza como complexa e abstracta, não é de *per se* uma realidade espontânea, passivelmente observada. Não há, por um lado, o sujeito-homem-indexador e, por outro, dele desligado o objecto conceptual. O conhecimento vai nascer desta inter-relação, condicionando-os reciprocamente. Se existe reciprocidade como poderá surgir uma análise isenta e neutral?

Nesta relação envolvente, cabe ao sujeito o papel privilegiado. Assim, o conhecimento processar-se-á de acordo com três momentos decisivos:

- o sujeito sai de si;
- o sujeito está fora de si;
- o sujeito regressa a si.

Desta forma, sem dúvida, será controlada a esfera do conhecimento. Ou seja, ser sujeito significa estar em relação com um objecto. Esta aproximação poderá facilmente traduzir-se em diluição e confusão. O conhecimento só é enquanto relação. Contudo, esta relação deve situar-se no plano da clareza e da objectividade. Vai ser o sujeito piagetiano, não puramente observador mas portador de uma actividade consciente ininterrupta que interessará à definição do indexador. Este sujeito-indexador anseia por um determinado rigor científico. Veja-se a contradição... Num mundo onde estão anuladas as teses sobre as verdades eternas, onde os conceitos de provisório, provável e rectificação reinam de uma forma imperiosa... Temos de rever o conceito de rigor científico?

Todo el conocimiento es pues arbitrario, porque todo conocimiento supone un punto de vista que determina la clase a la que el sujeto reconoce que pertenece el objeto y la identidad con la que éste le aparece, y [...] este punto de vista no es de ninguna manera impuesto por el objeto, sino elegido, en un contexto histórico-social, por el sujeto²².

O facto do seu objecto ser, por um lado, de natureza tão complexa, envolvendo tão intimamente o sujeito no processo de aproximação e, por outro, ser passível de um rigor científico quantificável, conduz-nos a uma nova postura onde as fronteiras entre o objectivo e o subjectivo por vezes se esbatem.

A neutralidade ou a imparcialidade, característica ideal defendida pelos documentalistas obriga a que o indexador seja portador de determinadas qualidades que lhe permita defender a sua teoria de teor objectivo e rigoroso. É condição primeira para a concretização destes objectivos que este sujeito se consiga totalmente distanciar do seu objecto, «sai de si, está fora de si, volta a si», para melhor o apreender e interpretar. Um afastamento visando uma neutral aproximação. Esta atitude permitir-lhe-á assegurar uma boa dose de imparcialidade e de compreensão sobre o valor do seu objecto.

Ter consciência da importância desta atitude, estar ciente da evolução a que o próprio conhecimento científico está submetido, saber como controlar os resultados desta operação, mesmo dominando a noção da sua precariedade, é permitir a criação de uma nova imagem da indexação no mundo actual, é, no fundo, poder reivindicar o seu estatuto ao mundo científico.

Se o conhecimento científico total é uma questão de síntese provisória ter a capacidade de o enfrentar frontalmente e de o integrar como premissa primeira no seu edifício estrutural manifesta uma atitude deveras tolerante e louvável no mundo de hoje. E esta atitude longe de permanecer afastada da esfera de acção científica, vai promover um espaço de maior abertura e permeabilidade à existência de um terreno onde os parâmetros e as delimitações apontam a direcção de uma objectividade crescente.

2.3 O problema da análise documental

O conceito teórico central da psicologia da forma ou Gestalt é o do campo, no sentido de um campo electromagnético. Invertendo completamente o ponto de vista associacionista, segundo o qual haveria primeiro elementos isolados ou sensações e depois ligações entre eles sob a forma de associações, a teoria da forma parte da percepção como um todo (uma melodia, uma fisionomia, uma figura geométrica)²³.

A temática da percepção foi interpretada por diferentes correntes da psicologia dando origem a análises distintas do mesmo fenómeno. Para a nossa análise as teorias associacionista e gestaltistas contribuíram para um

maior aprofundamento sobre o nosso problema da compreensão e decifração das mensagens contidas nos textos escritos. Todavia, vai ser a teoria operatória, síntese das anteriores teorias — associacionista e gestaltista — que estabelecerá o elo de ligação com a visão actual leitor-texto. Como encarar o texto? Será ele um mero somatório das várias partes? Ou será, então, encarado, imediatamente, como uma totalidade? Quando vejo um texto vejo primeiramente cada palavra e só depois o texto em si, ou vejo o texto como uma estrutura unitária e só depois me debruço sobre as várias partes que o compõem? A percepção surge-nos como um produto de interacções de diversos factores; ela é, por conseguinte, uma construção.

E não se passará o mesmo com a actividade analítica?

L'analyse sémantique d'un texte scientifique est une opération éminemment intelligente, qui exige une double compétence, sur le plan de la langue d'abord, mais aussi sur le plan de la pensée scientifique elle-même, puisqu' enfin l'on n'attend plus aujourd'hui d'un documentaliste omniscient qu'il soit capable de dégager indifféremment le sens d'un article de physique théorique ou de sociologie²⁴.

Indexar será, portanto, analisar o documento na totalidade e isolar, dentro da riqueza da linguagem natural empregue pelos vários autores todos os conceitos essenciais e pertinentes, convertendo-os numa significação unívoca, visando facilitar ulteriores pesquisas. Indexar permite o reencontro do texto auxiliado por uma filtragem intelectual previamente elaborada e controlada.

O problema da análise, questão fulcral do sistema documental, integra em si a problemática da subjectividade, onde o envolvimento da componente humana atinge elevadíssimos graus e, ainda, onde se denota com evidência o binómio da informação e da comunicação. Todo o texto escrito é, simultaneamente, veículo de informação e meio de comunicação. Utiliza a linguagem como elo de ligação entre os homens.

Se o indexador utiliza o documento como sua matéria-prima, e se o conceito é a riqueza do conteúdo dessa mesma matéria a questão prioritária é saber como alcançar essa essência de uma forma não deturpada. Analisar o documento como um todo e isolar dentro dessa riqueza semântica o essencial — postura preconizada pela teoria operatória —, com a ajuda de uma linguagem documental, «*a concept is the synthesis of a possible number of characteristics into one unit*»²⁵, permite-nos ousar acrescentar que este método analítico-sintético, apesar de todas as precauções, se torna problemático, precisamente pelo envolvimento que esta operação suscita da parte do indexador. Como traduzir de uma forma clara e inequívoca a mensagem?

O indexador trabalha com a palavra. Analisar semanticamente um texto exige um domínio da realidade extra linguística e do código linguístico. O universo da palavra permite interpretações múltiplas, permite leituras várias e válidas... Mas também, segundo Eco, «não é verdade que [...] todas as leituras sejam igualmente válidas [...] certas leituras são seguramente erradas [...]. Revelar um aspecto da obra de um autor significa com frequência ignorar ou deixar na sombra muitos outros. Algumas interpretações captam, com maior profundidade que outras, a estrutura de um texto»²⁶.

A leitura como um processo racional de análise textual está impregnada de múltiplos sentidos. A própria disciplina da hermenêutica — vocábulo introduzido por Schleiermacher — é disso testemunha. Ler é criar de novo o texto; analisar é recriar o texto, é fazê-lo renascer. Onde a objectividade na complicada operação em que sujeito e objecto se parecem diluir em direcção à recriação textual?

*Subject analysis is the first, the most important and the most difficult part of all classification and indexing. No retrieval system can be better than the subject analysis on which it is based. It follows that subject analysis is the art above all others that should be the constant concern of the library and information world, and the chief study of all classifiers and indexers*²⁷.

Como contornar este problema?

Primeiramente, uma análise documental deve procurar ser, antes de mais, precisa, objectiva, concisa e reflectir estritamente o conteúdo do texto. Desse modo, a análise deverá ser independente da língua do próprio texto original. Tomar conhecimento do documento, determinar o seu assunto principal, identificar os elementos essenciais que devem ser realçados e descritos, extrair os conceitos eleitos e estabelecer a sua correspondência em linguagem documental, e verificar a pertinência dessa representação, serão as etapas sucessivas a desempenhar pelo indexador com o intuito de criar uma atmosfera real de rigor e objectividade científicas ao seu trabalho. O objectivo essencial da operação de análise documental radica na difusão correcta da informação.

Todavia, não nos podemos esquecer que o indexador ou classificador trabalha com a linguagem, e a indexação confronta-se, exactamente, com a resolução dos problemas semânticos. Ele depara-se com questões cruciais do âmbito da evolução da própria língua, da sinonímia, da polissemia, etc. Para estes casos o indexador terá de se munir de um instrumento normativo que lhe permita controlar esta problemática impondo regras para a análise documental. Este sujeito-indexador confrontado com a complexa realidade que o envolve terá de ser portador de várias qualidades, nomea-

damente a compreensão do seu domínio, a compreensão da língua, possuir uma boa cultura geral, ser imparcial, possuir um espírito analítico-sintético.

Para Courier [...] el análisis, intermediario eficaz definido como operación intelectual difícil y compleja que consiste en representar documentos y preguntas bajo una forma distinta de la original generalmente condensada y formalizada [...] posee dos categorías de problemas en el ejercicio de dicha actividad:

- *Linguísticos. Distingue las dificultades surgidas en las palabras (significante y significados equívocos) y en los textos (sentidos equívocos). Estos problemas derivan de que los documentos escritos en un lenguaje natural necesitan ser traducidos a un lenguaje formalizado y documental, de forma que ser capaz de analizar supone que es capaz, a partir de ciertos significantes, de referirse a los mismos significados;*
- *Documentales, consustanciales a la propia idiosincrasia de la operación de análisis y sus fases. Destacan los siguientes: profundidad del análisis, juicio, falta de uniformidad y duplicación del trabajo²⁸.*

Esta longa citação é deveras elucidativa e simultaneamente conclusiva em relação à problemática da análise documental.

As palavras são portadoras de um código linguístico. O seu campo semântico pertence à semântica sincrónica e estática. Como nossas ferramentas devemos, portanto, procurar usá-las polidas. A semântica é o ramo da linguística que estuda o sentido das palavras; é a teoria das significações. Ferdinand de Saussure foi o primeiro teórico linguístico a utilizar estes termos. Por sincronia, considerava um estado da língua num determinado momento dado, sem atender à sua evolução histórica; entendia por diacronia a história evolutiva da língua com as suas mudanças linguísticas. Qualquer análise é portadora destas duas perspectivas que continuamente se entrecruzam e se complementam. A sua interligação expressa, no fundo, uma outra visão do mundo.

O processo de conceptualização reflecte, então, o carácter dinâmico da análise que radica na possibilidade de representar o conteúdo de um documento de uma forma distinta da original²⁹. Neste processo teremos de tomar em linha de conta três factores essenciais: por um lado, o indexador deve ter o conhecimento do código utilizado, por outro deve conhecer perfeitamente o perfil do utilizador, e, ainda, deve dominar completamente as características do serviço.

Assim, o problema central gira em torno do fenómeno da linguagem e da comunicação. Se a linguagem é o principal veículo de transferência da informação, a função da análise será, usando-a como trampolim, a de transmitir de forma inequívoca o conteúdo desse documento. Veja-se, portanto,

o problema complexo e extenso das ciências documentais: como operação essencialmente intelectual e complexa fará depender o seu grau de elaboração bem como a finura dos seus resultados do seu grau qualitativo.

Portanto, para que se cumpra o objectivo proposto pela análise é preciso que se reúnam dois requisitos teleológicos:

- a objectividade — que deverá presidir à gestação analítica, uma vez que se pretende que o documento secundário possa substituir o documento original;
- a normalização — que se traduz no próprio imperativo da documentação.

[...] el análisis documental está constituido por un conjunto de operaciones (unas de orden intelectual y otras mecánicas y repetitivas) que afectan al contenido y a la forma de los documentos originales, reelaborándose y transformándolos en otras de carácter instrumental o secundarios, con el objetivo ultimo de facilitar al usuario la identificación precisa, la recuperación y la difusión de aquellos. No obstante esa transformación es el resultado no solo de una fase de analisis, previa e imprescindible, sino también de un proceso de síntesis, que conduce a la conformación definitiva del documento secundario. [...] la denominación procesamiento analítico-sintético como alternativa a esta técnica tiene su razón de ser, aunque no haya cristalizado³⁰.

É difícil falar sobre normalização numa actividade meramente intelectual que, por vezes, flutua e confina no domínio do subjectivo. A normalização desempenha uma importante função no domínio das ciências documentais pois «*asegura la comunicación y transferencia de la información permitiendo simplificar y racionalizar los métodos y técnicas de trabajo, unificando los productos resultantes*»³¹. A normalização apresenta-se, pelas razões atrás mencionadas, como a chave mestra da cadeia documental, conferindo unidade e coesão ao próprio sistema. O seu campo de acção repousa quer na fase de análise do documento quer na fase ulterior de recuperação da informação. A norma, produto da normalização, não se apresenta, actualmente, suficiente face às exigências impostas ao sistema. Por esse motivo, a norma deverá contemplar um conjunto de factores da ordem da própria evolução técnico-científica a fim de poder facilitar a organização racional dos recursos, deverá estar em sintonia com as exigências/necessidades dos utilizadores e deverá estar atenta ao tratamento e difusão da informação. Não estar «[...] imbuída de um espírito arcaizante totalmente ultrapassado [...]»³² será uma das essenciais características impostas às normas.

A normalização procurará resolver e controlar o problema do subjectivismo inerente ao núcleo documental, através de uma aplicação metodológica. A NP 3715 de 1989 mais do que uma norma apresenta-se como um

corpo metodológico de princípios orientadores. É um conjunto de princípios bastante genéricos, nomeadamente no que concerne à temática dos documentos não escritos. Todavia, ela tem-se revelado extremamente importante no âmbito da uniformidade de critérios a adoptar. Ela *recomenda* alguns procedimentos para a análise dos documentos, determinação do seu conteúdo e selecção de termos, servindo, portanto, de guia ao indexador. Como manual explicativo deverá orientar o indexador nos procedimentos a tomar, procurando fundamentar o domínio da uniformidade, precisão e coerência. Com a normalização poderemos alcançar critérios de objectividade cada vez maiores. Ela contribuirá, sem dúvida, para a fundamentação desta disciplina científica.

3

3.1 *As linguagens documentais*

Os CALCETEIROS

Escrevem na rua:
juntam
cuidadosamente
palavras,

Pegam-lhes
sílabas a sílaba,
escolhem, unem,
completam,
tocam
ao de leve por cima
e continuam.

Com o maço
e o suor
assinam³³.

A informação que o indexador necessita é, então, extraída dos próprios documentos através de um método analítico-sintético. Mas, assim como o calceteiro necessita de instrumentos precisos para transformar o seu material bruto numa peça de arte, também o indexador perante a riqueza terminológica dos documentos necessitará de instrumentos específicos a fim de transformar a sua *matéria bruta* num *objecto de arte*.

Partiendo de la premisa de que el contenido de cualquier documento es el conjunto de nociones de que trata, expresado mediante, observaremos que se genera un problema de lenguaje: lenguaje natural y lenguaje documental. El primero es aquel en que está el documento y los terminos de indización son extraídos del mismo texto. Es un lenguaje simple el su utilización pero ambiguo debido a la multiplicidad de sentidos de algunos vocablos. Se establece y evoluciona por impulsos sociales. El lenguaje documental se define a priori antes de comenzar la indización. Incluye un vocabulario artificial y estereotipado, compuesto por una lista de términos normalizados y sus respectivas relaciones. Su evolución estará en relación con el cuerpo documental y la comunidad de usuarios a la que sirve³⁴.

A necessidade da existência de um vocabulário controlado irá permitir uma maior especificidade e uma menor ambiguidade ao tratamento documental. Estabelecendo uma comparação com o poema sobre o calceteiro de Osório, poderemos acrescentar que a arte associada ao uso correcto da instrumentalização impedirá a criação de arestas pontiagudas e disformes, permitindo, assim, uma livre e desobstruída circulação da informação. A missão primordial do indexador — tal como a do calceteiro — é criar espaços devidamente orientados e livres em termos de circulação das mensagens.

Assim, a razão básica para um apelo ao controlo da linguagem radica na variedade imensa de sentidos que a própria linguagem natural transporta em si. A linguagem controlada, um dos instrumentos de apoio à indexação, é construída a partir da linguagem natural. Procura-se, desse modo, tornar explícitas as relações implícitas dos termos da linguagem natural. Dessa forma a linguagem documental irá ser utilizada para melhor expressar de forma clara, sucinta, inequívoca e sem ambiguidades o conteúdo dos documentos. A sua função é de controlar a sua esfera de acção, permitindo estabelecer uma maior coerência em torno do processo documental, inclusivamente na diminuição dos custos do sistema.

Sai fora do âmbito da nossa reflexão tecer considerações sobre as vantagens e/ou inconvenientes da utilização de ambas as linguagens neste domínio específico. Procuraremos, sim, defender a ideia prioritária da criação de um instrumento que fosse consentâneo em representar com rigor e objectividade o conceito, submetendo-o a um tratamento uniforme, coerente e consistente. A linguagem documental actuará, então, como um filtro entre a linguagem natural do documento e o utilizador. Para tal, é imprescindível que este vocabulário controlado esteja registado em instrumentos mais específicos. Teremos, então, no universo da indexação, dois tipos de linguagens: as categoriais, pré-coordenadas, concretizadas em tabelas cujo princípio é o da classificação, e as combinatórias, pós-coordenadas, expressas em tesouros ou listas estruturadas de termos cujo princípio repousa na combinação entre os termos. São instrumentos de trabalho ligados ao

funcionamento de bibliotecas ou serviços de documentação, permitindo a representação sintética dos assuntos contidos nos documentos.

As linguagens categoriais procuram enumerar todos os assuntos possíveis, abrangendo o universo do conhecimento e do saber; são dedutivas, apresentando os assuntos do geral para o particular, integrando-os em quadros lógicos onde é possível estruturar as suas relações hierárquicas. Este princípio classificativo herdámo-lo do pensador grego, de seu nome Aristóteles, que pela primeira vez estabeleceu uma tabela lógica classificativa, baseada no princípio da sistematização, para as ciências. As relações entre os termos, previamente estabelecidos, contribuem para uma maior rigidez e um certo estatismo, pois uma estrutura desta natureza dificilmente acompanha a evolução do próprio saber, sendo uma tónica frequente a sua própria desactualização. Nestes termos a classificação irá ter um maior grau de generalidade, estando aconselhadas as bibliotecas públicas, para o seu uso onde a informação poderá ser de natureza mais geral³⁵.

As linguagens combinatórias, ao contrário das categoriais, obedecem a um princípio combinatório o qual se fundamenta em princípios filosóficos. «O princípio combinatório é utilizado historicamente para diferenciar elementos de um conjunto que são caracterizados em função de determinados atributos»³⁶. A coordenação de conceitos caracteriza a evolução dos conhecimentos, revelando a sua abertura e flexibilidade e promovendo um espaço de maior liberdade ao utilizador. A estrutura desta linguagem, concretizada nos tesouros demonstra a sua versatilidade através de uma permanente actualização, por oposição à rigidez das categoriais. As várias relações hierárquicas, associativas e de equivalência estabelecidas entre os termos, permitem o estabelecimento de um maior rigor e controlo da linguagem. Este tipo de linguagem, pelas características atrás evidenciadas estão mais vocacionadas para um tipo de biblioteca especializada.

Contudo, convém realçar que a actual tendência não se baseia numa distinção tão rigorosa como pretendeu parecer a nossa exposição mas antes se funda num maior esbatimento entre elas. Nos nossos dias regista-se um evidente entrelaçamento. A evolução das classificações tem vindo a promover uma menor rigidez à sua estrutura com vista a resolver os problemas da pesquisa e da representação do conteúdo. Por exemplo, as classificações facetadas têm somente uma enumeração genérica mas não exaustiva. Cabe ao indexador a liberdade de criar a notação, combinando as várias facetas, de maneira a traduzir e a reflectir com mais precisão o assunto do documento. Isso implica um processo de construção analítico-sintética, denotando uma maior aproximação ao perfil das linguagens combinatórias. Há, portanto, nas linguagens facetadas uma fase de análise, onde se procede ao levantamento de conceitos relevantes para a classificação, pressu-

pondo uma metodologia para a sua construção e uma fase de síntese onde é apurada a classificação que melhor se ajusta ao assunto em causa.

Ranganathan demonstrou que a «[...] *facet analysis (breaking down subjects into their component parts) and synthesis (recombining these parts to fit the documents) provide the most viable approach to representing the contents of documents*»³⁷.

Assim, estabelecido o esquema geral procede-se ao estabelecimento da ordem dentro de cada faceta. Esta sequência determinará o critério de busca do utilizador bem como o critério de ordenação. Este tipo de classificação é privilegiada nas áreas especializadas.

Ranganathan foi o principal teórico das classificações facetadas. Ele postulou que todo o documento era afectado por cinco aspectos da realidade: a Personalidade, a Matéria, a Energia, o Espaço e o Tempo. Dessa forma, a estrutura deste tipo de classificação é menos globalizante e mais analítica do que as classificações enumerativas monohierárquicas.

Les langages à facettes apparaissent comme un compromis heureux entre les langages combinatoires et les classifications monohierarchiques.

1. *La division d'un sujet en facettes est pour le classificateur un excellent moyen d'analyser le sujet de l'ouvrage à caractériser.*
2. *Ce schéma permet, grâce à la combinatoire, d'exprimer des sujets beaucoup plus fins que les schémas énumératifs, à partir d'un nombre global d'éléments beaucoup moins grand.*
3. *Moins rigide, il s'adapte plus facilement au renouvellement des concepts: on peut modifier le contenu d'une facette, ou en rajouter une, sans toucher à la structure globale du système.*
4. *L'organisation en facettes se prête bien à l'automatisation de la recherche puisqu'un sujet peut être retrouvé à partir de chaque facette ou de la formule complète.*
5. *Les relations de parenté entre sujets ne sont pas seulement inclusives, elles apparaissent aussi lorsque deux sujets ont en commun une ou plusieurs facettes*³⁸.

Podemos verificar a subtilidade de uma classificação com estas características face ao existente quadro das linguagens controladas. Situando-se entre a rigidez das categoriais e a flexibilidade das combinatórias esta linguagem mista vem contribuir para a existência de um leque maior de possibilidades orientadas no sentido de um maior rigor e precisão científicas.

3.2 O sistema de avaliação

Os indexadores/classificadores são seres humanos e, como tal, são passíveis de erro. Um sistema de indexação deverá estar de tal modo construído que reduza até ao ínfimo grau a probabilidade de erro.

Existem cinco parâmetros aos quais o indexador deve tomar consideração a fim de controlar o seu próprio sistema: a *exaustividade* e a *especificidade*, directamente dependentes das características dos serviços e da sua política de indexação, a *uniformidade*, a *pertinência* e a *relevância*. Os «erros repercutirão sobre a relevância pois obteremos respostas erradas; também prejudicarão a revocação, pois nos escaparão itens que teríamos de encontrar. É preciso, portanto, que nos asseguremos de que o sistema utilizado não possui uma tendência intrínseca a aumentar o erro humano»³⁹. Chamamos a esta atitude a fase de avaliação do próprio sistema. Um sistema deve estar de tal modo construído que nos permita deduzir o seu grau de eficácia e de eficiência com o intuito de o valorizar em termos objectivos. Qualquer sistema que se queira progressivo deverá ter a capacidade de se auto-avaliar, de se autoquestionar sobre as suas variáveis. É exactamente este autoquestionamento que permitirá as tão ansiosas rectificações, propostas por Bachelard e Piaget. A sua valorização dependerá da sua capacidade em constantemente rectificar os seus parâmetros. Concorrem para este *pôr em causa*, determinadas fórmulas lógico-matemáticas que contribuirão para uma maior qualificação e quantificação do próprio sistema. Qual, então, o objectivo? Qual a sua relação com a problemática da subjectividade?

O objectivo traçado será o de controlar um sistema ideal onde se reduza ao mínimo o número de ocorrências de situações de erro, de silêncio ou de ruído, permitindo, assim, contribuir para o surgimento de resultados mais rigorosos, mais precisos, mais pertinentes, mais relevantes, características exigidas ao próprio sistema que se pretende científico.

*The purpose of evaluation is to determine the effectiveness, efficiency and value [...]. We evaluate indexes to determine how good they are and our work is not complet until such evaluations are made. And this must be a continuing activity*⁴⁰.

A dificuldade que surge recai sobre a precisão quantitativa dos dados adquiridos e a sua relação com o factor de pendor subjectivo. A avaliação só é realizada no momento da pesquisa. É nesta fase de saída e recuperação dos documentos que se poderá testar o sistema. A sua eficácia dependerá da qualidade da indexação que se fundamenta nas propriedades da linguagem documental «e que garantam a exaustividade e pertinência na recuperação e, por outro, a coerência na análise e nas formas de representação»⁴¹.

Não querendo aprofundar muito esta temática que daria assunto para a elaboração de um trabalho nesta área, gostaríamos, no entanto, de salientar alguns pontos. Desse modo, o sistema de avaliação estará para a indexação assim como a experimentação estará para as ciências. Por conseguinte,

podemos avaliar a eficácia do sistema através de determinadas taxas. Tendo presente a ideia de dependência desta avaliação da fase essencial da análise documental com o reconhecimento dos conceitos e a sua representação gostaríamos de recordar e presentificar que as qualidades do próprio indexador revelam ser a condição *sine qua non* para a fundamentação e credibilidade deste sistema. Só assim podemos inferir da eficácia de um sistema através do uso das taxas de R (*Recall*), P (*Precisão*), *Fallout*, Silêncio, Ruído e por dispositivos de União, Ponderação e *Posting*. Estes critérios lógico-matemáticos, permitem a defesa da teoria proposta quanto à legitimidade de princípios científicos subjacentes à disciplina de indexação.

4 Conclusão

Defender uma teoria científica da indexação à luz dos pressupostos da ciência actual, foi o princípio orientador que esteve na base desta breve análise. A ciência não é algo inamovível e construído uma vez por todas. A concepção epistemológica veio promover não só a interdependência mas também a interdisciplinaridade entre os vários domínios. Isso contribuiu para uma diluição dos campos objectivo e subjectivo. A probabilidade veio conferir à própria ciência um outro ponto de vista sobre o real. O esbatiamento das fronteiras rigorosas e inflexíveis permitiu a aceitação no universo científico de uma disciplina tão jovem como a indexação.

Procurámos, ao longo desta reflexão, explicar de uma forma concisa todas as características de que esta disciplina é portadora e que lhe permitem conferir o estatuto de ciência. Com o rigor do seu sistema de avaliação, com o controlo das linguagens documentais bem como a da normalização, pensamos que, apesar do atribulado terreno em que se apoia, a indexação consegue resolver o problema da subjectividade, precisamente por não o escorçar e o integrar, sem gravidade e sem complexos no seu sistema.

Notas

¹ Esta parte do trabalho contou com a colaboração crítica da Dr.^a Luísa Ratinho.

² Félix SAGREDO FERNANDEZ, José M. IZQUIERDO ARROYO, *Concepción lógico-lingüística de la documentación*. Madrid: Ibercom-Red Comnet de la Unesco, 1983, p. 19.

³ IDEM, *ibidem*, p. 19-20.

⁴ Alexandre KOYRÉ, *Introdução à leitura de Platão*. Lisboa: Editorial Presença, 1979, p. 63.

⁵ F. M. CORNFORD, *Estudos de filosofia antiga: Sócrates, Platão e Aristóteles*. Coimbra: Atlântida Editora, 1969, p. 62.

- ⁶ Gaston BACHELARD, *Filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Ed. Presença, 1976, p. 71.
- ⁷ IDEM, *ibidem*, p. 19.
- ⁸ Jean PIAGET, *Lógica e conhecimento científico*. Porto: Pontes, p. 25-26.
- ⁹ Félix SAGREDO FERNANDEZ; José M. IZQUIERDO ARROYO, *op. cit.*, p. 17.
- ¹⁰ Thomas J. FROELICH, «Challenges to curriculum development in information science», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1.º, Porto, 1985 — *A informação em tempo de mudança. Actas*. Porto: BAD, 1985, vol. 2, p. 474.
- ¹¹ María PINTO MOLINA, «Introducción al análisis documental y sus niveles: el análisis de contenido», *Bolletín Anabad*, 39 (2) 1989, p. 333.
- ¹² Jacques CHAUMIER, Martine DEJEAN, «L'indexation documentaire: de l'analyse conceptuelle humaine à l'analyse automatique morphosyntaxique», *Documentaliste*, vol. 27 (6) 1990, p. 276.
- ¹³ María PINTO MOLINA, *op. cit.*, p. 334.
- ¹⁴ Bernd FROHMANN, «Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory», *Journal of Documentation*, vol. 46 (2) 1990, p. 82.
- ¹⁵ María PINTO MOLINA, *op. cit.*, p. 340.
- ¹⁶ IDEM, *ibidem*, p. 330.
- ¹⁷ Maria Teresa Pinto MENDES, «Indexação em ciências humanas e cooperação», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 2.º, Coimbra, 1987 — *A integração europeia: um desafio à informação. Actas*. Coimbra: Livraria Minerva, 1987, p. 108.
- ¹⁸ IDEM, *ibidem*, p. 108.
- ¹⁹ Maria do Céu FERRO, «Alguns aspectos do problema da linguagem: uma experiência de construção de thesaurus», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1.º, Porto, 1985 — *A informação em tempo de mudança. Actas*. Porto: BAD, 1985, vol. 2, p. 233.
- ²⁰ IDEM, *ibidem*, p. 233.
- ²¹ Jean PIAGET, *Psicologia e Epistemologia: para uma teoria do conhecimento*. Lisboa: D. Quixote, 1976, p. 137.
- ²² Félix SAGREDO FERNANDEZ e outro, *op. cit.*, p. 79.
- ²³ Jean PIAGET, *Principais tendências da investigação nas ciências sociais e humanas*. Lisboa: D. Quixote, p. 18.
- ²⁴ J. CHAUMIER, *op. cit.*, p. 276.
- ²⁵ Ingetraut DAHLBERG, «On the theory of the concept», in ORDERING SYSTEMS FOR GLOBAL INFORMATION NETWORKS. Bombay, India, 6-11 jan, 1975. *Proceedings of the Third International Study Conference on Classification Research*. FID, 1979, p. 56.
- ²⁶ Umberto ECO, *Os limites da interpretação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 39.
- ²⁷ D. W. LANGRIDGE, *Subject analysis: principles and procedures*. London: Bowker-Saur, 1989, p. 42.
- ²⁸ María PINTO MOLINA, *op. cit.*, p. 326-327.
- ²⁹ IDEM, *ibidem*, p. 326.
- ³⁰ IDEM, *ibidem*, p. 328.
- ³¹ IDEM, *ibidem*, p. 340.
- ³² M. Teresa Pinto MENDES, *op. cit.*, p. 109-110.
- ³³ António OSÓRIO, *A ignorância da morte*. Lisboa: Ed. do autor, 1978, p. 10.
- ³⁴ María PINTO MOLINA, *op. cit.*, p. 335.
- ³⁵ As informações referentes às linguagens categoriais e combinatórias foram baseadas nas aulas de indexação por assuntos - I da Dr.ª Fernanda Ribeiro decorridas durante o ano lectivo 1991-1992, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

³⁶ IDEM, aula de indexação de 23 Jan. 1992.

³⁷ *Theory of subject analysis. A sourcebook*. Littleton: Libraries Unlimited, 1985.

³⁸ Jacques MANIEZ, *Les langages documentaires et classificatoires. Conception, construction et utilisation dans les systèmes documentaires*. Paris: Les Éditions d'Organisation, 1987, p. 62.

³⁹ A. C. FOSKETT, *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Universidade de Brasília: Editora Polígono, 1973, p. 12.

⁴⁰ Donald B. CLEVELAND, Ana D. CLEVELAND, *Introduction to indexing and abstracting*. 2nd ed. Englewood: Libraries Unlimited, 1990, p. 143.

⁴¹ PORTUGAL. Biblioteca Nacional. Grupo de Trabalho de Indexação, *SIPORBASE. Sistema de Indexação em Português. Manual*. Lisboa: BN, 1988, p. 1.

Bibliografia

AFCOSID

Traitement de l'information documentaire. Paris: PUF, 1987.

ARAÚJO, Emília; FIGUEIRAS, Isilda

«Compatibilidade da linguagem de indexação numa base de dados pluridisciplinar», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 2.º, Coimbra, 1987 — *A integração europeia: um desafio à informação*. Actas. Coimbra: Livraria Minerva, 1987, p. 87-105.

BACHELARD, Gaston

Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, 1976.

Epistemologia. Lisboa: Ed. 70, 1981.

CASTRO, Armando

A revolução económica de Portugal. Lisboa: Assírio e Alvim, vol. 6, p. 152-154.

CASTRO, Maria Ernestina de; OLIVEIRA, Maria Leonor Bacharel

«Construção de um Thesaurus — uma experiência», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1.º, Porto, 1985 — *A informação em tempo de mudança*. Actas. Porto: BAD, 1985, p. 259-269.

CHAUMIER, Jacques

As técnicas documentais. Lisboa: Europa-América, [s. d.] (Col. «Saber»; 72).

CHAUMIER, Jacques; DEJEAN, Martine

«L'indexation documentaire: de l'analyse conceptuelle humaine à l'analyse automatique morphosyntaxique», *Documentaliste*, vol. 27, n.º 6 (nov-dec), 1990.

CLEVELAND, Donald B; CLEVELAND, Ana D.

Introduction to indexing and abstracting. 2nd ed. Englewood: Libraries Unlimited, 1990.

CONFORD, F. M.

Estudos de filosofia antiga: Sócrates, Platão e Aristóteles. Coimbra: Atlântida, 1969.

DAHLBERG, Ingraut

«On the theory of concept», in ORDERING SYSTEMS FOR GLOBAL INFORMATION NETWORKS. Bombay, India, 6-11 jan 1975. *Proceedings of the Third International Study Conference on Classification Research*. FID, 1979, p. 54-63.

Eco, Umberto

Os limites da interpretação. Lisboa: Difel, 1992.

FERRO, Maria do Céu

«Alguns aspectos do problema da linguagem. Uma experiência de construção de thesaurus», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1.º, Porto, 1985 — *A informação em tempo de mudança*. Actas. Porto: BAD, 1985, vol. 2, p. 231-239.

FOSKETT, A. C.

A abordagem temática da informação. São Paulo: Editora Universidade de Brasília: Editora Polígono, 1973.

FROELICH, Thomas J.

«Challenges to curriculum development in information science», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1.º, Porto, 1985 — *A informação em tempo de mudança*. Actas. Porto: BAD: 1985, vol. 2, p. 471-488.

FROHMANN, Bernd

«Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory», *The Journal of Documentation*, vol. 46, n.º 2, june, 1990, p. 81-101.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel

Introduction générale aux sciences et techniques de l'information et de la documentation. 2eme. ed. Paris: Les Presses de l'Unesco, 1990, p. 131-150.

KOYRÉ, Alexandre

Introdução à leitura de Platão. Lisboa: Presença, 1979.

LANGRIDGE, D. W.

Subject analysis: principles and procedures. London: Bowker-Saur, 1989.

MACHADO, Maria SAVEDRA

A classificação Colon. Coimbra: [s. n.], 1964, p. 1-16.

MANIEZ, Jacques

Les langages documentaires et classificatoires. Conception, construction et utilisation dans les systèmes documentaires. Paris: Les Éditions d'Organisation, 1987.

MATEUS, Maria Helena Mira

«A ciência da linguagem em Portugal», in *O Estado das Ciências em Portugal*. Lisboa: D. Quixote, 1992, p. 47-49.

MEINCKE, Peter P. M.; ATHERTON, Pauline

«Knowledge space: a conceptual basis for the organisation of knowledge», in *Redesign of Catalogs and Indexes for Improved Subject Access*, p. 35-48.

MENDES, Maria Teresa Pinto

«Indexação em ciências humanas e cooperação», in CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 2.º, Coimbra, 1987 — *A integração europeia: um desafio à informação*. Actas. Coimbra: Livraria Minerva, 1987, p. 107-110.

NEET, Hanna E.

À la recherche du mot clé. Analyse documentaire et indexation alphabétique. Genève: Les Éditions IES, cop. 1989.

NODOBITY, Wolfgang

«La terminologie et son application à la classification, à la l'indexation et à l'analyse», *Revue de l'UNESCO pour la science de l'information, la bibliothéconomie et l'archivistique*, vol. 5, n.º 4, Oct-Dec 1983, UNESCO: PUF, 1983.

OSÓRIO, António

A ignorância da morte. Lisboa: [s. n.], 1978.

PIAGET, Jean

Lógica e conhecimento científico. Porto: Pontes, [s. d.].

Principais tendências da investigação nas ciências humanas e sociais. Lisboa: D. Quixote, [s. d.].

Psicologia e Epistemologia: para uma teoria do conhecimento. Lisboa: D. Quixote, 1976.

PINTO MOLINA, María

«Introducción al análisis documental y sus niveles: el análisis de contenido», *Bulletin Anabad*, 34, n.º 2, 1989, p. 323-341.

PORTUGAL. Biblioteca Nacional. Grupo de Trabalho de Indexação

SIPORBASE. Sistema de Indexação em Português. Manual. Lisboa: BN, 1988.

RIVIER, Alexis

«Construction des langages d'indexation: aspects théoriques», *Documentaliste*, vol. 27, n.º 6, Nov-Dec, 1990, p. 263-274.

SAGREDO FERNANDEZ, Félix; IZQUIERDO ARROYO, José María

Concepción lógico-lingüística de la documentación. Madrid: Ibercom-Red Comnet de la UNESCO, 1983.

Theory of subject analysis. A sourcebook. Littleton: Libraries Unlimited, 1985.

UNISIST

Principles d'indexation. Paris: UNESCO, 1975.

VICKERY, B. C.

«Analysis of information», in *Encyclopedia of Library and Information Science*. New York: Maral Dekker, 1969, vol. 1, p. 355-384.

Faceted classification: a guide to the construction and use of special schemes. London: Aslib, 1960.

ZENZO, Salvatore F. di; PELOSO, Pietro

Metodologia e técnicas literárias. Lisboa: Europa-América, [s. d.].

Outras obras de referência

Colliet's Encyclopedia. New York: Macmillan Education, 1988.

Logos: enciclopédia luso-brasileira de filosofia. Lisboa: Verbo, 1992.

NP 3715. Lisboa: IGPAL, 1989.

RESUMO Desmistificar a ideia de prática meramente subjectiva e defender a noção de cientificidade na indexação de acordo com os pressupostos da actual ciência — objectividade, positividade, racionalidade, revisibilidade, probabilidade — são as propostas que se procuram defender nesta reflexão.

ABSTRACT *This paper aims to clarify the idea one has that indexing is a task reflecting personal moods or viewpoints. On the contrary, indexing is very much a scientific job following identical general principles upon which modern science is based.*

ENDEREÇO Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Técnica-Superior de BAD,

ADDRESS Coordenadora do Núcleo das Bibliotecas da UTAD, Serviços de Documentação e Extensão, Apartado 206, 5001 Vila Real Codex.